

ROMPIMENTOS E VÍNCULOS DO FAZER HISTÓRIA DE RUI DE PINA COM O PASSADO. Leandro Alves Teodoro, Susani S. Lemos França. História – História – Departamento de História – Universidade Estadual Paulista – Campus de Franca.

A proposta deste trabalho é perceber a mudança de perspectiva de uma das crônicas escritas por Rui de Pina, compilada de uma crônica elaborada por Fernão Lopes, para uma das crônicas que Pina escreveu a partir do seu próprio levantamento de dados e, especialmente, sua própria memória dos acontecimentos. Ênfase especial será dada aos recursos e fontes de que dispôs esse cronista português, que escreveu entre os séculos XV e XVI, e sobre as aproximações e distanciamentos do seu trabalho com aquele dos seus antecessores.

Vale, pois, lembrar que, por desistência de Vasco Fernandes Lucena, Rui de Rui de Pina, em 24 de junho de 1497, assume o ofício de guarda-mor da Torre do Tombo. A obra deste cronista sofreu críticas, no século XVI, quanto ao seu valor histórico. Ele chegou mesmo a ser considerado como usurpador do mérito literário de Fernão Lopes.

Em 1566, com a publicação da *Crônica do felicíssimo rei Dom Emanuel*, Damião de Góis questionou a originalidade e a autoria das crônicas de Pina. Góis inaugurou um processo histórico no qual não mediu críticas e não chegou a contemplar que a prática do cronista era a prática comum ao longo da Idade Média. Em outras palavras, cobrou de Pina aquilo que, como, procuraremos demonstrar, poderia ser extensivo a vários outros cronistas, inclusive àquele que Góis julgou ser a vítima da cópia.

Neste projeto, portanto, cabe discutir, de saída, questões como a originalidade e a autoria em textos medievais, dado que a acusação de plágio de que Pina foi vítima não parece adequada para analisar textos do período. A noção de apropriação indébita da obra de outrem se torna relevante com a Renascença, dada a disseminação da idéia da posse individualista sobre os escritos. Serrão(1972) considera que deveríamos banir o conceito de plágio para pensar a literatura medieval, já que o próprio Fernão Lopes, para não citar outros, utilizou da apropriação para registrar a História. O que importa aqui, portanto, não é verificar a legitimidade das acusações sobre Rui de Pina e sim perceber em bases se amparou a sua prática historiográfica.

Dentro do quadro das crônicas de Rui de Pina, podem ser destacados dois conjuntos: primeiramente, as crônicas de D. Sancho I, de D. Afonso II, de D. Afonso III, de D. Dinis e de D. Afonso IV, em segundo lugar, as crônicas de Afonso V, de D. Duarte e de D. João II. O primeiro conjunto são compilações da *Crônica de 1419* de Fernão Lopes; o segundo conjunto reúne compilações a partir de outras fontes.

Para tentar notar se há um deslocamento entre as crônicas em questão, bem como tentar notar qual o papel da história para Rui de Pina, serão confrontadas apenas duas de suas crônicas, dada a impossibilidade de, nesta altura da pesquisa, estabelecer o confronto de todas elas. As crônicas escolhidas são representativas de cada um dos conjuntos mencionados: a *Crônica de D. Afonso IV* é representativa do primeiro, já que dela existe uma outra versão, atribuída a Fernão Lopes e incluída na *Crônica de 1419*; a outra é a *Crônica de D. João II*, elaborada em condições bastante diferentes da anterior. Essa delimitação é justificável na medida em que uma crônica se destaca no primeiro conjunto, por se apresentar como a última e a mais desenvolvida deste grupo; a outra, a de D. João II, foi escolhida em razão de ser a mais minuciosa, mais elaborada e, especialmente, porque ela trata de um monarca contemporâneo ao cronista.

Através da comparação das fontes, procurarei entender as diferenças do registro memorialista nas duas crônicas, com o fito de identificar alterações ou permanências no registro cronístico do passado. Portanto, uma questão de fundo que importa desdobrar é: predominam continuidades ou descontinuidades no fazer história do século XV em relação à produção anterior?

O objetivo principal do trabalho é compreender os princípios, os comprometimentos e os fundamentos do fazer história de Rui de Pina. O confronto entre a crônica de D. Afonso IV com a de D. João II visa perceber se predomina a continuidade ou a ruptura nas concepções que marcam as narrativas baseadas quase inteiramente na elaboração anterior de Fernão Lopes e aquelas em que o trabalho de composição não remete para uma única fonte e conta com a sua própria visão dos acontecimentos narrados.

Evitando cair no equívoco de estudar a obra por ela mesma, o que se pretende é perceber os vínculos do cronista com o poder real, bem como as condições de que dispôs para preparar cada um dos conjuntos de crônicas mencionados. O alvo, pois, da pesquisa é notar, em dois momentos do trabalho de Rui de Pina, as possíveis mudanças em seus objetivos de escrita e na sua construção da imagem do monarca.

Para levar adiante o exame das crônicas de Rui de Pina, buscarei comparar as duas crônicas em questão, amparando-me em estudos sobre elas que permitam notar deslocamentos na forma como o cronista constrói o passado. O confronto será realizado no sentido de observar seu método de registro da verdade, seus objetivos históricos, seus comprometimentos políticos e as fontes que utiliza para descrever essa verdade, em outras palavras, as bases, históricas e literárias, que ampararam a sua prática historiográfica.

Embora possam ser encontrados estudos que abordam as crônicas medievais ora como documento, ora nas suas qualidades textuais, ora como discurso, poucos são aqueles que tratam especificamente do labor historiográfico de Rui de Pina. Nesta pesquisa, pois, procurei solucionar essa falta examinando estudos acerca da cultura historiográfica do século XV. Segundo Serrão (1972) e Costa Gomes (1995), Rui de Pina teve uma formação intelectual e influência estilística medieval; nas palavras do primeiro, ele, “escrevendo entre 1490 e 1520, situa-se numa franja temporal de antemodernidade, usando processos históricos que não seriam diferentes dos que Zurara tinha aplicado” (SERRÃO 1972, p. 111-112). Considerando a pertinência desse vínculo de Pina com cronistas anteriores e visando entender o significado dessas influências medievais, proponho-me confrontar dois momentos do labor historiográfico deste cronista, partindo de uma questão geral, a saber, qual o lugar da história no século XV? A seguir, proponho-me desdobrar uma questão específica: qual o lugar da escrita de Pina no século XV? No desenrolar desta última questão, procurarei encontrar mudanças, se é que elas existem, entre uma crônica compilada por Pina e outra elaborada por ele a partir de processos diferenciados. Essas duas questões, portanto, articulam-se na medida em que, ao confrontar duas crônicas, pretendo abrir espaço para uma interrogação de fundo sobre as prováveis variações dentro da cultura historiográfica quinhentista.

De acordo com Carvalho (1949), a escrita da história quatrocentista possui características relativamente constantes, como: uma escrita moralista, um conhecimento, por parte dos cronistas, enciclopédico e um objetivo explícito de registrar a verdade. A compilação, nesse contexto, era muito utilizada com a função de perpetuar essa verdade e, por isso mesmo, a noção de furto literário não estava dentro dos possíveis dos autores de então. Conforme Rebelo (1983), Fernão Lopes inaugurou uma forma de fazer história que marcou o século XV, principalmente as crônicas oficiais, ou seja, uma história que se distingue pelo tom laudativo e pela estruturação do texto em torno da construção positiva da imagem monárquica. Ventura (1992) também encontra similaridades na escrita deste período ao notar que os cronistas da época estão entrelaçados por um mesmo objetivo pedagógico: “Fernão Lopes, Zurara e Rui de Pina não duvidam que o cronista deve seleccionar e ordenar os elementos disponíveis com vista a torná-los didácticos” (VENTURA, 1992, p. 2).

Segundo Gomes (1995), “um último aspecto a sublinhar no conjunto das Crônicas relativas ao século XV é o pouco relevo que nelas têm as referências às viagens de navegação e comércio dos portugueses, à excepção do circunstanciado relatado sobre o Congo na *Crónica de D. João II...*” (GOMES, 1993, p. 598). A historiadora considera que este é outro elemento que mostra como a escrita de Pina ainda está influenciada pelo cenário cultural do século XV, isto é, o rei continua a ser o centro do registro em detrimento das navegações.

BIBLIOGRAFIA:

Crónica de Cinco Reis de Portugal, ed. diplomática de A. Magalhães Basto. Porto: Liv. Civilização, 1945.

Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal, ed. crítica de Carlos da Silva Tarouca, 3 vols. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1952.

PINA, Rui de. *Crônicas*, ed. M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão, 1977.

A Historiografia Portuguesa Anterior a Herculano. Actas do Colóquio. Lisboa. 1997.

AMADO, Tereza. *Fernão Lopes contador de história*. Sobre a crónica de D. João I. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.

BARRETO, L. F. *Os Descobrimentos e a ordem do saber*. Lisboa: Gradiva: 1989.

BASTO, A. M. Estudos: *Cronistas e Crônicas Antigas*. Fernão Lopes e a Crônica de 1419. Coimbra: Oficinas Atlântida. 1960.

BETHENCOUT, F e CURTO, D. R. (org.) *A Memória da nação*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1987.

BONNASIE, P. *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zarar Editor, 2003.

BUESCU, Ana Isabel. *Imagens do príncipe*. Discurso normativo e representativo (1525-1549). Lisboa: Editora Cosmo, 1996.

CARVALHO, J. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Lisboa: por ordem da Universidade, 1949.

GOMES, R. C. *A Corte dos reis de Portugal no Final da Idade Média*. Lisboa: Difel, 1995.

GUENÉE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV*. Os Estados. São Paulo: EDUSP, 1971/1981.

LANCIANI, G e TAVANI, G. *Dicionário da Literatura Medieval Galega e portuguesa*. Lisboa: Editora Caminho, 1993.

STRAYER, Joseph. *As origens medievais do Estado Moderno*. Lisboa: Gradiva, s. d.

LE GOFF, J e SCHIMITT, J. C. *Dicionário Temático de História Medieval*, vol. 1 e vol. 2. Bauru: EDUSP, 2002.

KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1957/1998.

REBELO, Luís de Sousa. *A concepção de poder em Fernão Lopes*. Livros Horizonte, 1983.

VENTURA, Margarida Garcez. *O Messias de Lisboa*. Um Estudo de Mitologia Política Medieval (1383-1415). Lisboa: Edições Cosmo, 1992.

MONGELLI, L. M. (org) *A Literatura Doutrinária na corte de Avis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

QUILLET, Jeannine. *D'une cité l'autre*. Problèmes de philosophie politique médiévale. Paris: Honoré Champion éditeur, 2001.

TENGARRINHA (org). *História de Portugal*. Bauru: EDUSC, 2001.

MATTOSO, J. *História de Portugal II*. Lisboa: Editorial Estampa, s. d.

SERRÃO, J. V. *A Historiografia portuguesa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

_____ *História de Portugal* vol. 1. Lisboa: Verbo, 1978.

Bolsa: CNPQ/PIBIC